

ESCOLA SUP. DE ENFERMAGEM S. JOSÉ DE CLUNY

CURSO DE LICENCIATURA EM ENFERMAGEM

RELATÓRIO DO COORDENADOR DE CURSO

ANO

Planos de Estudos do Curso do Curso Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem de Reabilitação da ESESJC, aprovados por:

Portaria n.º 1306/2004, publicada no Diário da República 1ª série- B, n.º 240 a 12 de Outubro.

1. DADOS GERAIS DO ANO LETIVO

INÍCIO DO 1º SEMESTRE

07/05/2015

CONCLUSÃO DO 1º SEMESTRE

12/12/2015

NÚMERO DE SEMANAS

INÍCIO DO 2º SEMESTRE

19/12/2015

CONCLUSÃO DO 2º SEMESTRE

18/06/2016

NÚMERO DE SEMANAS

2. ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

2.1 - COORDENADOR DE CURSO

Bruna Raquel Figueira Ornelas de Gouveia

TÍTULO PROFISSIONAL

Prof. Doutor

Enf. especialista na área da Reabilitação

CATEGORIA PROFISSIONAL

Professora Adjunta

ÁREA DE FORMAÇÃO SUPERIOR

Ciências de Enfermagem

2.2 - COORDENADORES DAS UNIDADES CURRICULARES

No âmbito do Curso Pós-licenciatura de Especialização em Enfermagem de Reabilitação (CPLEER) foram coordenadores (ou regentes) de unidades curriculares (UCs) os seguintes docentes:

Bruna Ornelas de Gouveia (10 UCs); Teresa Ornelas (1 UC); Merícia Bettencourt (1 UC); Vita Rodrigues (1 UC); Luísa Santos (1 UC); e Clara Martins (1 UC).

Tabela 1. Distribuição do número de coordenações de UCs por docente.

Número de coordenações de UCs	Número de Docente N (%)
1-3	5 (83%)
4-6	0 (0%)
7-9	0 (0%)
10 ou >	1 (17%)
Total	6 (100%)

Tabela 2. Regentes das UCs no CPLEER.

Unidade Curricular	Coordenador (Regente)
1.º Semestre	
Fundamentos de Enfermagem I	Bruna Gouveia
Liderança, gestão e Enfermagem de Reabilitação	Teresa Ornelas
Ética e deficiência	Merícia Bettencourt
Fundamentos de Enfermagem II	Bruna Gouveia
Cinesiologia	Bruna Gouveia
Orientação e desenvolvimento de projectos I	Vita Rodrigues
Enfermagem de reabilitação respiratória e cardíaca	Bruna Gouveia
Enfermagem de reabilitação neurosensorial	Bruna Gouveia
Enfermagem de reabilitação músculoesquelética	Bruna Gouveia
Enfermagem de reabilitação e integridade cutânea	Luísa Santos
Orientação e desenvolvimento de projectos II	Clara Martins
Ensino Clínico I	Bruna Gouveia
2.º Semestre	
Ensino Clínico II	Bruna Gouveia
Orientação e desenvolvimento de projectos III	Bruna Gouveia
Ensino Clínico III	Bruna Gouveia

2.3 - PROFESSORES DO CPLEER

Foram Professores responsáveis pelos conteúdos lecionados nas Unidades Curriculares do CPLEER (com mais de 6h de leção), os seguintes docentes:

1. Bruna Ornelas de Gouveia, PhD, CRRN; ESESJCluny
2. Teresa Ornelas; ESPP; MSc; ESESJCluny
3. Merícia Bettencourt, PhD, CNS; ESESJCluny
4. Vita Rodrigues, PhD, CNS; ESESJCluny
5. Luísa Santos, PhD, CNS; ESESJCluny
6. Clara Martins, PhD, CNS; ESESJCluny
7. Emanuel Gouveia, ESPP, CRRN; ESESJCluny
8. Élvio Jesus; PhD, CRRN; SESARAM, E.P.E.
9. Gabriela Fernandes, MD; SESARAM, E.P.E.
10. Nisa Souto, ESPP; CRRN/MRN; SESARAM, E.P.E.
11. Élvio Rúbio Gouveia, PhD; Universidade da Madeira (Convidado).

Contudo, importa salientar que a equipa docente do curso teve como colaboradores convidados em contexto de conferências (com duração <6h), os seguintes professores ou peritos:

1. Matthias Kliegel, PhD; Full Professor, CIGEV – University of Geneva.
2. Ana Lúcia Faria, MSc; Madeira Interactive Technologies (M-ITI).
3. Ricardo Bruno, CRRN; SESARAM, E.P.E.
4. Arlinda Oliveira, CRRN; SESARAM, E.P.E.
5. Gil Bebiano, MD; SESARAM, E.P.E.
6. Pedro Lima, MD; SESARAM, E.P.E.
7. Fernando Silva, MD; SESARAM, E.P.E.
8. António Brazão, MD; SESARAM, E.P.E.
9. Lina Paula, CRRN; SESARAM, E.P.E.

Tabela 3. Distribuição do número de docentes por tipo de vínculo, regime de trabalho, habilitações, categoria e tempo de ligação ao curso.

Vínculo Prof.		Reg. de Trab.		Habilit. Académ.			Título Prof.		Categoria Profissional			Tempo de ligação ao CPLEER				
C/Vinc	Sem vinc	Integ	Parc.	Dout	Mes	Lic	Dout	Esp	Prof. Coord.	Prof Adj.	Ass.	<5	6 10	11 20	21 30	31 40
7	4	7	4	7	2	2	7	3	3	3	1	4	7	0	0	0

2.4 - DISTRIBUIÇÃO DOS DOCENTES PELAS UNIDADES CURRICULARES

O número de docentes (contabilizando apenas os acima identificados, como lecionando mais 6h) por unidade curricular varia entre um e três, predominando as unidades curriculares lecionadas por dois docentes, quer no ensino teórico (58%) quer no prático (67%).

Tabela 4. Distribuição do número de docentes por tipologia de UC.

Nº de Professores	UC teóricas n (%)	UC práticas n (%)
1	2 (17%)	0 (0%)
2	7 (58%)	2 (67%)
3	3 (25%)	1 (33%)
4	0 (0%)	0 (0%)
>4	0 (0%)	0 (0%)
Total (n=15)	12 (100%)	3 (100%)

3. ESTUDANTES

3.1- CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDANTES

(número total e por ano, escolaridade dos pais, situação profissional dos pais)

Foram 26 os estudantes que frequentaram o CPLEER 2015-2016. No que respeita ao género, 54% eram do género feminino (14 enfermeiras) e restantes 46% do género masculino (12 enfermeiros. Relativamente ao estado civil, 54% era casado (14), 42% era solteiro (11) e 4% vivia em União de facto (1). A média de idades dos estudantes do CPLEER foi de 32,6 anos, variando entre os 26 e 43 anos. A totalidade era de nacionalidade portuguesa.

3.2- ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA PROMOVER A INTEGRAÇÃO DOS ESTUDANTES NA COMUNIDADE ACADÉMICA

Como estratégias para a promoção da integração dos enfermeiros estudantes do CPLEER na comunidade académica, implementaram-se as seguintes:

(1) Acolhimento dos estudantes e disponibilização de informação

O acolhimento dos enfermeiros do CPLEER no início do ano letivo foi realizado pela direção da escola e a coordenadora de curso. No início do curso e de cada semestre foram realizadas reuniões orientadas pela coordenadora de curso, com a apresentação das atividades planeadas e os recursos/serviços institucionais de apoio disponíveis. Todos os docentes foram apresentados aos estudantes pelo coordenador de curso antes do início da lecionação. Foram disponibilizados o Guia do Curso e outras informações gerais e adicionais através do portal corporativo e e-mail do grupo. Outras informações sobre a instituição e a atividade científica e académica foram divulgadas através destes meios, do site e página oficial institucional no Facebook.

(2) Acompanhamento das atividades e atendimento dos estudantes

Foi disponibilizado atendimento aos estudantes pela coordenadora de curso e docentes em horário adaptado às suas necessidades. Foram realizadas reuniões de acompanhamento dos estudantes com a coordenadora de curso ao longo das atividades. Foram auscultadas as necessidades dos estudantes através de contacto com o delegado de turma e com todo o grupo.

(3) Participação

A participação dos estudantes nas atividades académicas foi promovida, com especial relevo para a participação nas festividades académicas e religiosas em atividades de formação extracurricular desenvolvidas na escola. A organização de atividades práticas em horários disponíveis que permitiam simultaneamente aos estudantes a aplicação de conhecimentos desenvolvidos no curso e a interação social com a comunidade (é exemplo a receção de um grupo de idosos na escola para avaliações e lanche) e dentro do grupo (é exemplo a atividade: "*Exercise is Medicine* na prática, uma caminhada em grupo para fins de monitorização da atividade). A organização de um evento no final do curso pelos estudantes (I Congresso regional de Saúde, Enfermagem e Reabilitação) permitiu a articulação com estudantes do Curso de Licenciatura, toda a comunidade académica e comunidade científica e profissional da área (regional e nacional).

3.3 - ESTRATEGIAS DE APOIO PEDAGÓGICO AOS ESTUDANTES

Entre as estratégias de apoio pedagógico aos estudantes implementadas salientamos as seguintes: (1) garantia da disponibilidade dos docentes e da coordenadora de curso para esclarecimentos; (2) realização de reuniões regulares da coordenação de curso e docentes, para avaliação de necessidades e definição de estratégias de melhoria; (3) garantia de feedbacks em tempo útil, mesmo na orientação à distância, com recurso a tecnologias de informação e comunicação, como o e-mail, softwares de videoconferência, telefone e redes; (4) disponibilidade de apoio pedagógico disponibilizado pelo serviços de documentação e laboratório.

3.4- ACONSELHAMENTO SOBRE O PERCURSO ACADÉMICO DOS ESTUDANTES

O aconselhamento sobre o percurso académico dos estudantes foi garantidos pelos docentes afetos às UCs de Orientação e Desenvolvimento de Projeto I e III e Ensino Clínico II, e pela coordenação de curso, visando principalmente a orientação do estudo no desenvolvimento do seu projeto individual de autoformação e estágio de opção. Reuniões individuais e de grupo foram realizadas para este fim. Como resultado, a singularidade, a inovação e o sucesso dos percursos de autoformação foram evidentes no curso.

3.5 - ACONSELHAMENTO SOBRE A POSSIBILIDADE DE FINANCIAMENTO E DE EMPREGO

Neste curso, a possibilidade de financiamento pelas entidades empregadoras foi aconselhada no início do curso. Os enfermeiros estudantes do CPLEER foram proativos na procura do mesmo, embora o mesmo só tivesse sido atribuído no último trimestre do curso. Ao longo do curso foi discutida a diversidade do mercado de trabalho para o finalista do CPLEER. Em adição o desenvolvimento de contactos em vários contextos de prática (nomeadamente nos Ensinos Clínicos II e III), permitiu ao estudante a identificação de variadas possibilidades de emprego.

4. UNIDADES CURRICULARES

4.1 - OBJETIVOS DAS UNIDADES CURRICULARES

(Estratégias de divulgação dos objetivos das UC aos estudantes)

Os objetivos das Unidades Curriculares do Curso estão expressos no Guia do Curso e no Portal Corporativo desde o início do curso, foram apresentadas pela coordenadora de curso na Introdução ao CPLEER e ainda abordadas por cada regente na primeira aula de cada UC. Para a introdução de cada Unidade Curricular pelo Regente da mesma (incluindo a designação dos docentes associados à UC, a abordagem dos seus objetivos, das competências a desenvolver, conteúdos, distribuição e tipologia da carga horária, estratégias de ensino aprendizagem e de avaliação) foi dedicada 1 hora de contacto.

4.2 - COORDENAÇÃO ENTRE AS UNIDADES CURRICULARES (Mecanismos utilizados para assegurar a coordenação entre as UC e os seus conteúdos)

A coordenação entre as UCs e os seus conteúdos foi analisada pela coordenação de curso e discutida em reuniões prévias com as regentes das várias UCs. Estas reuniões decorreram antes do início de cada semestre. O reduzido número de regentes determinou uma maior coordenação das mesmas.

5. METODOLOGIAS DE ENSINO

5.1 - METODOLOGIAS DE ENSINO

(Tipo de metodologias utilizadas no ensino teórico e no ensino clínico)

O plano de estudos do CPLEER, conforme definido no Guia de Cursos 2015-2016, prevê em cada UC o recurso a variadas metodologias. A implementação das metodologias previstas nas fichas de UCs foi da responsabilidade de cada docente, sendo monitorizada pelos regentes da mesma. No que respeita ao ensino teórico, através de horas de contacto e trabalho autónomo procurou-se o desenvolvimento dos conhecimentos de natureza científica, ética, estética, pessoal e do contexto sociopolítico que suportam as competências a desenvolver/consolidar durante o processo formativo destes enfermeiros. Em contrapartida, no ensino prático, a metodologia prevista é apenas o Estágio, incluindo-se nesta a prática de cuidados sob orientação do enfermeiro-tutor e a orientação tutorial pelo docente no local de estágio e na escola.

Segue-se abaixo uma tabela com a metodologias de ensino implementadas.

Tabela 5. Metodologias por tipologia de ensino.

METODOLOGIAS DE ENSINO	
ENSINO TEÓRICO	ENSINO PRÁTICO
Método expositivo	Método demonstrativo
Método ativo (em especial Debate; Discussão em grupo; Trabalho de grupo; Análise de texto/artigo/trabalho; Aplicação prática de um exercício; Técnica de resolução de problemas (PBL)).	Método ativo (em especial: Orientação e supervisão das práticas de cuidados em contexto real; Debate; Análise de texto/artigo/trabalho)
Método demonstrativo	Método interrogativo
Método interrogativo	

5.1.1 - ADAPTAÇÃO DAS METODOLOGIAS DE ENSINO AOS OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

(Adaptação das metodologias de ensino aos objetivos de aprendizagem)

As metodologias de ensino previstas e implementadas correspondem aos objetivos de aprendizagem, conforme definido nas fichas das UC preconizadas pela instituição.

Formas de verificação de que a carga média de trabalho planeada é a necessária aos estudantes.

A verificação de que a carga média de trabalho planeada era adequada aos estudantes foi realizada através da auscultação dos intervenientes em reuniões de acompanhamento dos ao longo do curso, pela coordenação do mesmo. Embora considerada necessária pelos estudantes, houve referências frequentes pelos estudantes à elevada carga global de trabalho diário (com a manutenção da sua atividade profissional) e à dificuldade em ter o tempo necessário para trabalho autónomo do estudante. No primeiro semestre, a carga horária média de horas de contacto foi de 20 horas semanais e, no segundo semestre, entre 15 a 32 horas semanais.

Formas de garantir que a avaliação da aprendizagem dos estudantes é feita em função dos objetivos de aprendizagem da unidade curricular

As estratégias de avaliação previstas e implementadas correspondem aos objetivos de aprendizagem e dependem do tipo de metodologias de ensino aplicadas, conforme definido nas fichas das UC preconizadas pela instituição.

5.2 - ENSINO CLÍNICO

5.2.1 - QUALIDADE DOS ENSINOS CLÍNICOS

(Mecanismos para assegurar a qualidade dos Ensinos Clínicos)

Para assegurar a qualidade dos ensinos clínicos, consideraram-se pertinentes as seguintes normas:

- Planeamento antecipado dos Ensinos Clínicos, envolvendo a coordenação de curso e os docentes destas UCs.
- Negociação da disponibilidade de locais de estágio com as instituições acolhedores, no âmbito dos protocolos institucionais estabelecidos.
- Reunião/contacto com todos os chefes dos serviços acolhedores e enfermeiros-tutores antes do início da prática clínica.
- Orientação dos estudantes por um docente, em tempo de orientação tutorial (na escola e no local de estágio), num rácio de 1:13 nos Ensinos Clínicos I e III e de 1:8/9 no Ensino Clínico II.
- Acompanhamento a tempo integral por tutores, todos enfermeiros especialistas em enfermagem de reabilitação, num rácio de 1:1 ou 1:2 estudantes.

5.2.2 - LOCAIS DE ESTÁGIO, TIPO DE ACOMPANHAMENTO DOS ESTUDANTES

Tabela 6. Tipo de acompanhamento dos estudantes por local de estágio e ensino clínico.

ENSINO CLÍNICO	LOCAIS DE ESTÁGIO		TIPO DE ACOMP.			
	Instituição	Serviço	Professor			Enf. Tutor
			100%	50%	30%	
Ensino Clínico I	SESARAM, E.P.E.	Medicina II N			x	100%
		Medicina II P				
		Medicina III P				
		Ortopedia 6ºN				
		Ortopedia 6ºP				
		Ortopedia 7ºN/Neurologia				
		RRCCI João de Almada				
		RRCCI Santo António				
		Cirurgia 1ºN				
		Cirurgia 2ºP				
		Neurocirurgia				
		Cardiologia				
		Pediatria				
		13 Centros de Saúde da RAM				
Ensino Clínico II	SESARAM, E.P.E.	Medicina II N			X	100%
		Medicina II P				
		Medicina III P				
		Unidade de AVC				
		Ortopedia 6ºN				
		Ortopedia 6ºP				
		Ortopedia 7ºN/Neurologia				
		RRCCI João de Almada				
		RRCCI Santo António				

		<p>RRCCI Calheta</p> <p>RRCCI São Vicente</p> <p>Cirurgia 1ºN</p> <p>Cirurgia 2ºP</p> <p>Cirurgia Vascular</p> <p>Neurocirurgia</p> <p>Cardiologia</p> <p>Pediatria</p> <p>Unidade de Cuidados Intensivos</p> <p>19 Centros de Saúde da RAM</p> <p>Reabilitação Geral de Adultos 1</p> <p>Unidade de Treino de Atividades de Vida.</p>				
Ensino Clínico III	SESARAM, E.P.E.	<p>Cirurgia Vascular</p> <p>Ortopedia 6ºP</p> <p>Ortopedia 6ºN</p> <p>Cardiologia</p> <p>UTIC</p> <p>Otorrino</p> <p>Unidade de AVC</p> <p>Unidade de Cuidados Intensivos Polivalente</p> <p>Ginecologia</p> <p>RRCCI</p> <p>Pneumologia</p> <p>Unidade de Cuidados Paliativos</p> <p>Serviço de saúde ocupacional</p> <p>6 Centros de Saúde da RAM</p>			x	100%

	IPO Porto	Clínica da Mama				
	Hospital de Santa Marta	Cir. Cardiorácia				
	Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra	Hospital Pediátrico de Coimbra				
	Hospital de Santo António	Cir. Cardiorácia				
	Club Sport Marítimo	Departamento médico				
	Clínica de Otorrino da Madeira	n.a.				
	Centro Ortopédico de Santa Cruz	n.a.				

5.2.3 - ENFERMEIROS TUTORES DOS ENSINOS CLÍNICOS

O número de enfermeiros tutores variou nos ensinoss clínicos, dependendo do número de contextos/serviços onde estes se desenvolveram (conforme expresso na tabela que se segue). Contudo, conforme referido, o rácio foi de 1 tutor para 1 estudante, com algumas situações pontuais em que foi apenas possível garantir 1 tutor para 2 estudantes.

Média de tutores por Ensino Clínico

30

Tabela 7. Número e características dos tutores por instituição e ensino clínico.

ENSINO CLÍNICO	INSTITUIÇÃO	CATEGORIA PROFISSIONAL	HABILITAÇÕES PROFISSIONAIS	Nº de Tutores
Ensino Clínico I	SESARAM, E.P.E.	Enfermeiro	Enfermeiro Especialista na área de Enfermagem de Reabilitação	26
Ensino Clínico II	SESARAM, E.P.E. Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão	Enfermeiro	Enfermeiro Especialista na área de Enfermagem de Reabilitação	40

Ensino Clínico III	SESARAM, E.P.E. IPO Porto Hospital de Santa Marta Hospital Pediátrico de Coimbra Hospital de Santo António Club Sport Marítimo Centro Ortopédico de Santa Cruz	Enfermeiro	Enfermeiro Especialista na área de Enfermagem de Reabilitação	26
--------------------	--	------------	---	----

5.3 - VISITAS DE ESTUDO

Pela possibilidade de realizar períodos de estágio de curta duração numa grande variedade de serviços, o número de visitas de estudo realizado durante o CPLEER foi limitado (3), inserindo principalmente no âmbito dos projetos individuais de autoformação dos estudantes. Sob orientação do docente, os estudantes realizaram relatórios das respetivas visitas que integraram o portefólio do seu projeto de auto-formação.

Visitas de estudo, especialmente as relacionadas com as unidades de cuidados especializados (Ex.: Unidades especializadas do Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão, Bloco Operatório, Unidade de AVC, Unidade de Cuidados Intensivos, Unidade de Cuidados intermédios de Cirurgia e Medicina, Unidade de Cuidados Intensivos de Cardiologia e de Cirurgia Cardiotorácica), foram realizadas no âmbito do Ensino Clínico II, pela convergência das atividades.

Tabela 8. Visitas de estudo isoladas realizadas por estudantes do CPLEER.

VISITAS DE ESTUDO		
Serviço/ Instituição	Local	Data
Unidade de Cuidados Paliativos, Hospital da Luz	Lisboa	04/03/2016
Centro Cardiovascular, Hospital da Luz	Lisboa	25/03/2016
Unidade de Cuidados Paliativos do SESARAM, E.P.E.	Funchal	07/04/2016

6. AVALIAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS ESTUDANTES

6.1- METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO

As metodologias de avaliação previstas e implementadas corresponderam às definidas nas fichas e normas preconizadas pela instituição (número de elementos de avaliação e relação com carga horária). A garantia do cumprimento do estipulado foi da responsabilidade de cada regente da UC. Os momentos de avaliação foram definidos com os regentes e monitorizados pela coordenação de curso, sendo divulgados no início de cada semestre aos estudantes.

Tabela 9. Metodologias de avaliação por tipologia de ensino.

METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO	
ENSINO TEÓRICO	ENSINO PRÁTICO
Prova escrita objetiva	Desempenho (Auto e heteroavaliação)
Produto (Ex: Trabalho escrito individual, Trabalho de grupo, Artigo, Poster, Relatório, Análise do trabalho do aluno, Plano de um projeto)	Produto (Ex: Trabalho individual - Estudo de Caso, Portefolio, Relatório)
Apresentação oral	-

6.2 – RESULTADOS DA APRENDIZAGEM

6.2.1 – Média final e taxa de aprovação dos estudantes por tipo de ensino

A média global do CPLEER 2015-2016 é de 17 valores (16,8), com uma taxa de aprovação de 100% dos estudantes. Relativamente ao tipo de ensino, verifica-se uma consistência dos resultados com a proximidade das médias.

Tabela 10. Média final e taxa de aprovação de estudantes por tipologia de ensino.

Tipo de Ensino	Média Final	% Avaliados/Aprovados
Ensino Teórico	17	100
Ensino Clínico	17	100
Todas as Unidades Curriculares	17	100

6.2.2 - Aproveitamento dos estudantes por Unidade Curricular

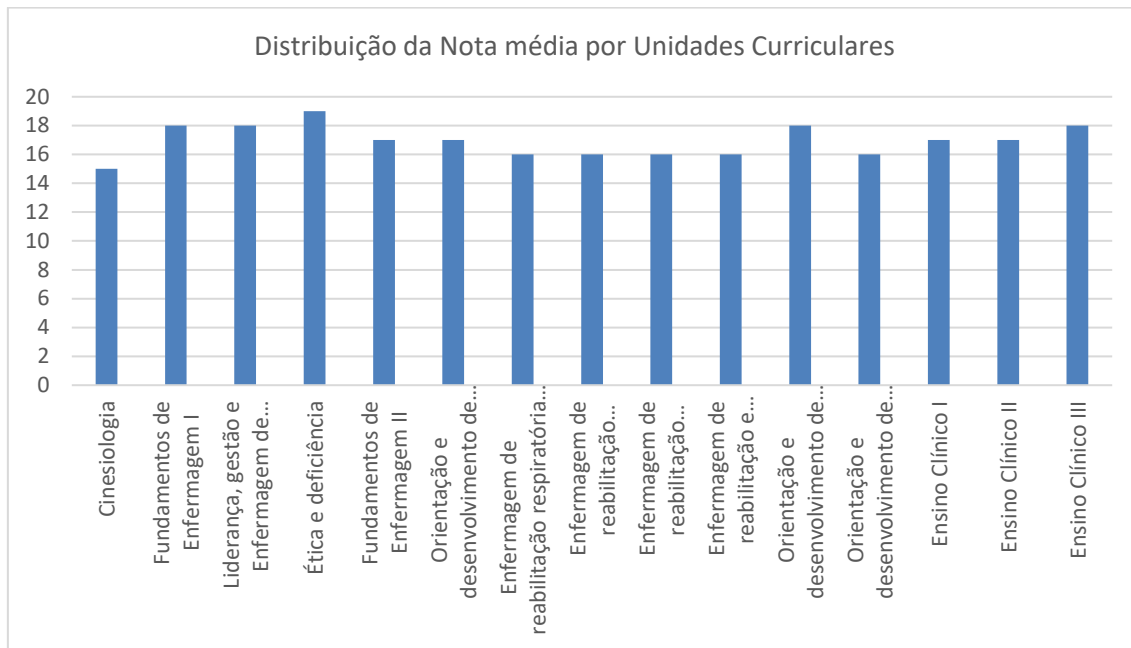
Como referido, a média global de curso no final do ano curricular foi de 16.8, contudo, a UC com média mais elevada foi a Ética e Deficiência (18.8) e a UC com menor média global foi a Cinesiologia (15.3). Relativamente aos ensinamentos clínicos salienta-se que a média foi crescente ao longo do semestre, com a média mais elevada no Ensino Clínico III (17.6).

Seguem abaixo uma tabela e um gráfico elucidativo da distribuição das médias segundo a UC.

Tabela 11. Nota média, nota mínima e máxima e taxa de aprovação de estudantes por unidade curricular.

Unidades curriculares	% Avaliados aprovados	Nota média	Min	Máx
Cinesiologia	100	15.3	10.0	18.0
Fundamentos de Enfermagem I	100	17.5	16.0	19.0
Liderança, gestão e Enfermagem de Reabilitação	100	17.5	16.0	18.0
Ética e deficiência	100	18.8	18.0	19.0
Fundamentos de Enfermagem II	100	16.5	15.0	18.0
Orientação e desenvolvimento de projetos I	100	17.0	14.0	19.0
Enfermagem de reabilitação respiratória e cardíaca	100	16.1	15.0	18.0
Enfermagem de reabilitação neurossensorial	100	16.1	15.0	17.0
Enfermagem de reabilitação musculoesquelética	100	15.9	15.0	18.0
Enfermagem de reabilitação e integridade cutânea	100	16.2	15.0	19.0
Orientação e desenvolvimento de projetos II	100	17.6	16.0	19.0
Orientação e desenvolvimento de projetos III	100	16.3	12.0	18.0
Ensino Clínico I	100	16.8	14.0	19.0
Ensino Clínico II	100	16.9	15.0	18.0
Ensino Clínico III	100	17.6	14.0	19.0

Gráfico 1. Média das médias das classificações obtidas nas disciplinas.



6.2.3 – Aprovação por ano curricular

Decorrendo o curso durante 1 ano curricular apenas, os 26 estudantes inscritos no curso (100%) foram aprovados ao final do mesmo.

6.2.4 – Exames de Recurso

Neste curso, porque o aproveitamento dos estudantes foi verificado em todas as UC no período de avaliação normal, não foram realizados exames de recurso.

7. AVALIAÇÃO DAS UNIDADES CURRICULARES E ATIVIDADES LETIVAS

A avaliação das unidades curriculares e atividades letivas foi prevista com base nas respostas aos inquéritos de avaliação destas disponíveis no final de cada semestre no Portal Corporativo. Todavia, na sequência da disfuncionalidade do Portal Corporativo (associada à não coincidência do início e final do semestre do CPLEER com o dos restantes cursos da instituição), o preenchimento dos inquéritos de avaliação das unidades pelos estudantes e docentes ficou comprometido ao longo do curso, sem que fosse possível obter resultados relevantes ou com alguma representatividade. Consideramos que esta é uma das principais limitações deste trabalho.

Em alternativa, tendo por base as opiniões partilhadas pelos estudantes nas Reuniões de avaliação de cada semestre e do curso, as reuniões entre regentes e coordenadora de curso e a reflexão da coordenação de curso per si, apresentamos de seguida os principais pontos fortes/oportunidades e pontos fracos/constrangimentos identificados no curso.

8. PONTOS FORTES E OPORTUNIDADES

Começando por se reportar ao 1º semestre, ressaltamos os seguintes pontos fortes e oportunidades:

- Variedade de conteúdos e profundidade com que foram abordados.
- Elevado empenho dos estudantes e docentes.
- Contributo muito relevante de preletores convidados/docentes.
- Existência de produção científica associada às UCs (posters científicos, artigos científicos para publicação, planeamento de estudo de investigação sobre a planificação de cuidados em Enfermagem de Reabilitação para apresentação em congresso regional).
- Sucesso na implementação e feedbacks muitos positivos dos estudantes relativamente a metodologias ativas como Debate formal, PBL (*Problem Based Learning*), e aulas/atividades práticas com clientes voluntários como participantes.
- Boa articulação com os serviços administrativos, por forma a colmatar limitação de funcionalidade do Portal Corporativo.
- Boa articulação e relação entre a equipa pedagógica /coordenação de curso e os estudantes.

Relativamente ao 2º semestre, assinalamos:

- Grande variabilidade de experiências de aprendizagem, com a possibilidade de prática em vários contextos de cuidados de enfermagem de reabilitação.
- A disponibilidade da equipa docente para orientação em OT na escola e contextos da prática foi efetiva, complementando a orientação prática dos supervisores clínicos.
- O interesse, a dedicação e a cooperação entre estudantes foi referida pelos próprios e pelos docentes nas reuniões de acompanhamento.
- Desenvolvimento pelos estudantes e docentes de atividades de cariz científico, com produção científica associada (colheita de dados e análise de resultados de estudo de investigação em curso desde o 1º semestre, elaboração de artigo científico, resumos científicos, posters e comunicações orais), particularmente em articulação com a UC de ODPIII.
- Boa articulação e relação entre a equipa pedagógica /coordenação de curso e tutores da prática clínica.
- Considerou-se excelente a comunicação entre os estudantes e a coordenação de curso e equipa pedagógica.
- Organização e participação num evento científico inédito na escola [I Congresso Regional de Saúde, Enfermagem e Reabilitação], com grande adesão por parte de profissionais com significativo impacto na região (mais de 100 inscritos, maioritariamente enfermeiros especialista em reabilitação).
- Excelente dinâmica na organização do I Congresso Regional de Saúde, Enfermagem e Reabilitação.
- 100% de aproveitamento em todas as UCs.
- 100% dos estudantes considera que está satisfeito/muito satisfeito com o curso frequentado, a organização do mesmo, a equipa docente e a coordenação de curso (segundo avaliado em reunião de avaliação final do curso, n= 20).

9. PONTOS FRACOS E CONSTRANGIMENTOS

Novamente, tendo por base as opiniões partilhadas pelos estudantes nas Reuniões de avaliação de cada semestre e do curso, as reuniões entre regentes e coordenadora de curso e a reflexão da coordenação de curso per si, apresentamos de seguida os principais pontos fracos e constrangimentos identificados no curso.

Relativamente ao 1º semestre, destacamos:

- O volume de conteúdo e ritmo das aulas muito intenso.
- Conhecimento anterior dos estudantes sobre as temáticas limitado, identificado pelos mesmos como aspeto negativo.
- Pouca disponibilidade dos estudantes para realizar trabalho autónomo previsto, percebido pelos mesmos como muito elevado.
- Baixa utilização do portal como recurso pelos docentes e estudantes devido a disfuncionalidade na situação/período de não simultaneidade dos semestres do CPLEER e os restantes cursos da escola.
- Baixa taxa de participação na resposta aos inquéritos de avaliação pelos estudantes (na sequência da incompatibilidade com o calendário do curso).
- O delegado de turma não expressou opinião do grupo.

No que respeita ao 2º Semestre, acrescem os seguintes pontos:

- Períodos de prática considerados reduzidos (2 semanas) em contextos de cuidados diversos, conforme disponibilizados pelo serviço de saúde parceiro.
- Período de práticas clínicas (ECII e ECIII, de janeiro a maio de 2016) considerado pelos estudantes longo.
- Limitação da disponibilidade e cansaço dos estudantes na fase final do curso, percebido pelos mesmos e pelos docentes.
- A interação dos estudantes com o portal externo permaneceu pouco efetiva, na sequência da incompatibilidade com o calendário do curso inicial e falta de domínio dos estudantes da ferramenta, quando esta ficou disponível.

10 – SUGESTÕES DE MELHORIA

Considerando as ameaças e pontos fracos mencionados neste relatório, consideramos como sugestões de melhoria as seguintes:

- Adequar as metodologias de ensino (recorrendo ainda a maior variabilidade metodologias ativas) e aumentar o corpo docente do curso nas UCs teóricas.
- Reforço da orientação para a revisão de conceitos pelos estudantes em trabalho autónomo, no início das UCs.
- Melhoria da articulação entre a funcionalidade do portal interno e calendário de curso (Promover a abertura dos próximos cursos em simultâneo com o início oficial do semestre, por forma a garantir uma melhor funcionalidade do portal corporativo).
- Reforçar a participação dos estudantes e do delegado de turma na melhoria continua da qualidade das aprendizagens, respondendo aos inquéritos de avaliação.
- Adequar os contextos/tempos de prática clínica aos objetivos de aprendizagem (reforço da solicitação de períodos de prática mais longos num número menor de contextos de cuidados a disponibilizar pelas instituições acolhedoras parceiras).
- Ajustar a distribuição da carga horária da Unidade Curricular ODP III no 2º semestre.
- Ajustar a organização da UC Ensino Clínico III, promovendo o agrupamento das experiências de aprendizagem dos estudantes em contextos comuns de cuidados de enfermagem de reabilitação específicos (áreas de opção), para beneficiar da cooperação entre estudantes e alívio da carga de trabalho individual.
- Atualizar as fichas das UCs e rever o plano de estudos, tendo em conta os Referenciais para a Qualidade do Ensino Superior.

Funchal, 31 de outubro de 2016

O Coordenador de Curso

(assinatura)